

CAPÍTULO EXTRA - Aquele com o “quase” Dia dos Namorados

Eu poderia dizer que era uma terça-feira comum. Ah, poderia. Mas, na verdade, não era. Era dia 12 de junho. Aham. Isso aí, bem isso aí que vocês estão pensando. Desde a época do colégio eu sempre tive um sentimento muito, como direi... muito peculiar em relação à data. As amigas que namoravam ganham flores, caixas de bombons, alguns ousados mandavam uma telemensagem ao vivo na hora do intervalo (dessa parte eu não invejo, juro! Música do João Paulo e Daniel tocando e um cara recitando poemas de cartão de loja do 1,99? Obrigada, passo!)

Bom, as amigas que não namoravam, eventualmente, ganham um bilhetezinho, um convite, algo do tipo. Pois é, nem isso, nunca aconteceu. E eu estava falando do colégio, né? Esqueci de falar da época da faculdade e pós-faculdade. Eu ficava meio melancólica vendo as campanhas publicitárias do Boticário, os restaurantes cheios, decorados com balões de coração. Era tudo tão bonito e eu queria tanto. [Incluir aqui uma fungada bem teatral com direito a subida de ombro e canto da boca caindo “pra baixo” em um quase choro.]

Eu não era idiota (tá bom, eu era um pouco) de achar que Thiago me chamaria pra sair no Dia dos Namorados, afinal, era uma terça-feira. E havia um combinado não combinado entre nós, só nos víamos aos fins de semana. Esperei uma mensagem especial dele? Óbvio! Fiquei com vontade de comprar presente? Óbvio. Mas estava tentando internalizar o “não sinto nada” e me senti muito madura e responsável quando nem conectei a internet naquele dia. Como diriam: melhor prevenir do que remediar.

Na quarta-feira, dia 13, tia Naná me ligou. Como fazia todos os anos desde que eu completara 17 anos, ela me convidava a ir na missa de Santo Antônio para acender uma vela. Isso mesmo, desde os 17 ANOS! Totalmente desnecessário. Talvez pelo fato de que ela começou a namorar aos 15, se casou aos 17 e ficou viúva aos 34? Talvez. Mas eu não queria isso pra minha vida. Um namorado aos 17 talvez até fosse legal, mas casar? Já era demais.

No entanto, lá estava tia Naná me convidando (mais uma vez) para ir fazer uma promessa para o santo e conseguir um namorado.

— Conseguiu escapar da tia Naná dessa vez? — Caê me questionou assim que desliguei o telefone.

— Afff... não sei porque ela não pega no seu pé! Ou no de qualquer outra pessoa da família!

— É que como ela não tem filhos, quer tratar você como filha dela e na cabeça maluca dela, cuidar de você é conseguir um bom casamento, uma casa, essas coisas que gente velha gosta.

— Hmmm... — dei de ombros. — Mas e aí, o que você e a Isa fizeram ontem?

— Levei ela pra comer pizza e... — antes que ele pudesse completar a frase não consegui deixar de ver um brilho diferente na MÃO do meu irmão.

— Filho da mãe! Você deu uma aliança pra ela!!!! — gritei voando até ele e agarrando sua mão direita.

— Bem, é... era isso que ia contar...

Analisei a aliança que não era nada demais, só uma circunferência prateada simples, que ele pode ter comprado no camelô da praça, mas o gesto dizia muito.

— Pô, parabéns, mano! Fico feliz por vocês.

— Fica mesmo? Porque sua cara não diz isso! — ele caiu na risada. — Parece que você vai chorar.

— Ah, vai se foder!

Saí de perto dele e voltei para o meu quarto fechando a porta com um baque bem barulhento. Ridículo! Ei! Será que eu estava com inveja? [Sim, eu estava com inveja] Que merda! E daí, nem queria usar aliança mesmo! Que coisa antiquada, só gente velha usa aliança. Aff...

Tentei mudar o foco das coisas e comecei a organizar o material para as aulas da tarde. Provavelmente, a história de fazer uma novena para o Santo Casamenteiro se repetiria. Além de tia Naná, Sonia era muito devota e sempre me *infernizava* (desculpe a associação, foi involuntária) com isso. Então me blindei, tentando me manter o mais serena possível, mas foi o que aconteceu na sequência que me ajudou.

Thiago Mello:

E aí? Qual a boa do fds?

A SMS fez meu coração acelerar como uma batida de música do Double You. Meu cérebro automaticamente tentou controlar a situação: “Cristina, é só mais um fim de semana comum. Ele nem deve fazer ideia que foi Dia dos Namorados. Segura essa onda.”

Cris:

Sem planos. o que manda?

Thiago Mello:

Tenho uma proposta, entra na internet a noite que te conto.

Isso, parabéns! Ele soltou uma mensagem dessa pra pessoa mais ansiosa da face da Terra. Como eu ia conseguir trabalhar? Todos os pensamentos estariam voltados para conectar a internet à noite. O que foi até um pouco bom, consegui ignorar completamente a Sonia e todas as crianças perguntando como eu tinha passado o Dia dos Namorados [insira um emoji de carinha revirando os olhos aqui].

Mas toda a ansiedade, nervosismo e distração foram recompensados. A proposta era a seguinte: a mãe dele estava viajando para fora do país visitando um dos irmãos e o outro irmão dele não estaria em casa. Portanto, a casa estaria vazia. Isso mesmo, vocês leram certo, ele estava me convidando (leia em caps lock): PARA IR PARA A CASA DELE!

Minutos de surto depois, eu tentei não dar a resposta logo na sequência, dei uma de difícil, mas (claro) acabei aceitando.



A regra da calça jeans tinha ido pro além? Claro! Agora a regra era vestido, salto e, por favor, roupa íntima combinando. Dessa vez, caprichei mais do que o normal. Pedi um socorro à Dete e ela levou a sacola de lingerie em prazo de urgência. Escolhi um conjunto vermelho, bem ousadinho, com calcinha, corpete e (pasmem) meia calça com cinta-liga. Uau!

Como estava frio, coloquei um sobretudo que emprestei da Ingrid. Ela nem se importou, porque já tinha planos com Diego. Aliás, todas as meninas tinham planos especiais para o fim de semana, com o objetivo de comemorar o Dia dos Namorados atrasado. Com isso, o look era esse mesmo: lingerie ok, vestido curto (bem curto) ok, salto ok, sobretudo ok. Entrei no ônibus desse jeito? Sim.

Durante o trajeto eu sentia como se fosse a primeira vez, como se aquela fosse a nossa primeira noite juntos. De certa forma, até era, porque era a primeira vez que eu ia para a casa dele. Acho que era algo importante, não era? Afinal, de todos os caras do universo com quem me relacionei, me apaixonei ou qualquer coisa nesse sentido, nunca conheci a casa deles e, muito menos, fui convidada para entrar ou, menos ainda, estar ali a sós.

Assim que desci do ônibus, na rodoviária, já vi o carro preto estacionado me esperando. Tentei me equilibrar para não cair nos paralelepípedos e me agarrei à porta do carro, entrando rapidamente.

— Você parece uma detetive de seriado com essa roupa.

— Oi pra você também!

Ele riu, balançou a cabeça e se aproximou, dando um selinho nos lábios. Engoli em seco, sentindo o panapaná¹ se movimentar alucinadamente no meu estômago. Para desviar a atenção disso, voltei a falar na sequência: — E detetives não usam salto!

— Eu não disse que tipo de detetive, Crix. Estava me referindo às detetives dos filmes do Cine Privê² — emendou e deu uma piscadela.

Comecei a gargalhar.

— Seu besta!

— Ah lá, entendeu a piada. Eu sei que você gosta de uma safadeza, Crix. O que tem por debaixo desse monte de pano?

Me ajeitei no banco e levantei um pouco a barra do sobretudo, deixando a meia e a cinta liga aparecerem.

Ele assobiou, arregalando os olhos e balançando a cabeça afirmativamente.

— É... acho que já perdemos tempo demais nessa conversa — completou e ligou o carro, acelerando na sequência.

-



¹ Coletivo de borboletas.

² Cine Privê é uma sessão de filmes eróticos do gênero softcore, exibida pela Band nas madrugadas de sábado para domingo.

A casa dele era bastante como eu imaginava, o normal de qualquer imóvel do interior para uma família de classe média, com grades, garagem, sala grande, cozinha grande, corredor que direciona aos quartos e banheiros. Então não havia muito o que explorar ali, afinal, era basicamente a minha casa, mas em um formato com menos quartos e menos itens premium de decoração.

Percorremos o corredor nos beijando e nos atracando, como se a nossa *vida dependesse disso* (e essa metáfora é o maior clichê dos livros de romance, mas acho ela incrível, então vou usar, ok?).

Assim que entramos em seu quarto eu parei de beijá-lo, só para admirar o lugar, que não era nem de perto o ambiente da sede (leia-se: sujo, velho e abandonado). Na verdade, parecia um quarto de hotel, quase nada no ambiente, apenas uma mesa com computador localizada bem em frente à cama, um armário embutido e uma pequena estante com um monte de papéis e alguns bonequinhos.

— Não acredito que é seu quarto!

— Esperava o quê? Espelho no teto? Você está ficando muito mal acostumada, Crix!

Thiago se sentou na cama, apoiando as mãos no colchão e erguendo a cabeça para o teto. Repeti seus movimentos e olhei para o teto também.

— No meu quarto tem estrelas.

Ele me olhou confuso, estreitando os olhos: — E nem bebemos ainda, hein?!

Gargalhei de novo, o que eu fazia com frequência quando estava com ele.

— Você é muito besta! — Me sentei na cama ao seu lado. — No teto do meu quarto eu coleí aqueles adesivos de estrela que brilham no escuro, sabe?

— Sei, a gente tinha isso quando era *criança*! — ressaltou a palavra e me encarou, revirando os olhos em uma careta engraçada.

— Ei, — bati em seu braço com pouca força — as minhas também são de quando eu era criança! Só não tivemos dinheiro ainda pra repintar a casa. E... eu gosto delas lá.

Ele voltou a olhar para o teto e suspirou.

— Ok, minha estrela, o que você tem pra mim hoje? Estou curioso, de verdade!

Senti o rosto esquentar e aquela mesma sensação de incômodo no estômago. Era sempre igual, incontrolável!

Fiquei em pé e comecei a me despir lentamente. As feições dele se modificavam a cada peça que eu retirava. Quando restava apenas a lingerie, ele mordeu o lábio inferior e se levantou. Quando consegui sentir seu perfume, apenas o perfume, sem cigarro ou vodca, fechei os olhos como se isso pudesse me transportar para dentro dele. Thiago me envolveu, enfiando as mãos em meu cabelo, segurando com firmeza a minha cabeça e me beijou.

Era difícil continuar respirando, todo o ar parecia sumir e voltar com toda a força, um teste incessante de manter-me viva. Ele continuou descendo pelo meu pescoço, devagar, depositando pequenos beijos e retornando com lambidas e algumas mordidas. O calor da respiração dele contra minha pele me arrepiou inteira. Eu sempre me arrepiava quando ele beijava minha nuca.

Enquanto ele passeava a mão pelo meu corpo, eu repetia seus movimentos. Tirei a camiseta e comecei a desabotoar sua calça jeans, assim que ele ficou sem roupas, ele parou, me olhou por mais alguns segundos.

— Isso, sim, Crix. Isso é digno de um filme.

Gargalhei mais uma vez e zombei, fazendo uma voz bem fininha e uma careta sexy (ou, melhor, tentando parecer sexy): — Foi aqui que pediram uma detetive para solucionar um crime?

Ele riu ainda mais: — Só você, Crix. Só você!

As mãos percorreram meu corpo por cima da lingerie, enquanto seus lábios encontravam meu peito. Fechei os olhos por um instante, deixando escapar um suspiro quando senti o toque dele.

— Você não faz ideia do quanto é bonita — ele murmurou.

Abri os olhos e encontrei o olhar dele sobre mim. Naquele momento, não havia mais espaço para vergonha. Só para aquela sensação deliciosa de ser desejada. Fechei os olhos e deixei que qualquer pudor fosse embora.

— Hoje eu quero de quatro.

Ele só sorriu e me virou de costas, me levando até a cama. Quando senti o colchão em meus joelhos, as mãos deslizaram pela minha cintura, firmes, enquanto seus lábios encontravam minha nuca outra vez.

— Você sabe que eu adoro quando fica assim, não sabe? — ele sussurrou.

Não respondi. Apenas dei sequência aos movimentos, me inclinei na cama. Ele me posicionou para a beirada e puxou minha cintura, deixando minha bunda arrebitada, deu alguns beijos nas minhas costas, descendo, descendo, até enroscar os dedos da calcinha. Então o interrompi.

— Não tira, faz que nem daquela fez, só para o ladinho.

Ele soltou uma risada baixa, como se já conhecesse todas as minhas preferências e obedeceu. Puxou o tecido para o lado e trouxe seu rosto para perto. Gemi alto ao sentir a temperatura da sua língua em mim. Mais algumas lambidas embaixo e eu já estava molhada o suficiente.

Thiago se afastou e vi ele procurar o preservativo em sua carteira. Retirou a cueca e começou a desligar a camisinha. Ficou ainda mais difícil respirar, era sempre difícil respirar quando estava com ele.

Ele voltou para perto e depositou um beijo em cada lado da minha bunda, fazendo cócegas. Dei uma risadinha involuntária e quase me desequilibrei quando ele me pegou de surpresa, entrando dentro de mim. Era sempre delicioso, sentir aquela profundidade, era sem dúvidas a minha posição preferida, aquela em que conseguia senti-lo por inteiro. Enquanto se movimentava dentro de mim, ele levou uma das mãos para minha frente e fez movimentos lentos, tirando toda a minha estabilidade.

Foram algumas estocadas até que eu comesse a gozar, ele veio logo na sequência, gemendo alto e apertando minha cintura. Agarrei o lençol com força, tentando recuperar o fôlego, enquanto ele me envolvia pela cintura. Por alguns segundos, ficamos assim, ofegantes, sem dizer nada. Então ele encostou o rosto na minha nuca e beijou minha pele ainda arrepiada.

— Vem, deve estar doendo o seu joelho. — Ele me apoiou e me ajudou a me levantar. — Deita aqui.

Joguei o corpo para o lado e ele me acompanhou, se deitando ao meu lado. Por alguns instantes, ficamos em silêncio, apenas ouvindo a respiração um do outro. Ele passou o braço

pela minha cintura e me puxou para junto do seu peito. Encostei a cabeça nele, sentindo o seu calor e aquele sorriso involuntário apareceu no meu rosto.

— Lembrou do Cine Privê, né? — perguntou tentando segurar uma risada.

— Olha... com você não preciso lembrar de nada é só... abrir os olhos — completei.

— Te entendo.

Dei uma risada baixa. Ele beijou minha testa e ficou fazendo carinho no meu braço, num contraste quase engraçado com a intensidade de poucos minutos antes. Fechei os olhos. Talvez fosse justamente isso que tornava tudo tão perigoso, afinal, não era só mais um acordo, o problema todo era a intimidade que vinha depois, as piadinhas internas, nossas zueiras e tudo fazia tanto sentido.

Não era o Dia dos Namorados, nem de longe, mas eu meio que gostava de um fim de semana assim. Só com ele, a data... era só um número.

[Amigos, muitos anos depois eu ainda não teria tido um Dia dos Namorados. Não propriamente um Dia dos Namorados com nome de “Dia dos Namorados”, mas talvez algo parecido. Afinal, eu sou a incansável, lembram? Mas... pode ser que, talvez... eu esteja reconsiderando...]